

## **GENESINO BRAGA**

### **CRÔNICAS**



**À ESQUERDA GENESINO BRAGA, À DIREITA ULISSES  
BITTENCOURT**

**Genesino Braga nasceu em Santarém, Pará, a 6 de dezembro de 1906. Filho de Genesino dos Santos Braga e Silvina Pedrosa Braga, e irmão de Teofilino Braga e do Coronel do Exército Amélio Braga. Casou com D. Dinoralva Machado Braga, com a qual teve três filhos: os advogados Carlos Genésio Braga e Ursulita Braga Alfaia, e a senhora Marlene Braga de Sousa. Graduado em Ciências Biblioteconômicas em curso especial da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1949.**

**Jornalista, cronista, professor universitário nas cadeiras de História do Livro e das Bibliotecas, de Paleografia e Arquivística do Curso de Biblioteconomia e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Amazonas, bibliotecário e diretor da Biblioteca Pública do Estado por longos anos, membro do Conselho Estadual de Cultura e da Comissão Permanente de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas, redator oficial do Gabinete do Governador do Estado e integrante do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - Inpa.**

**Em 1935 elegeu-se Deputado à Assembléia Legislativa do Estado, cumprindo com brilho, até o término, o seu mandato.**

**Integrou várias instituições culturais e científicas, entre as quais era correspondente da Academia Paraense de Letras e do Instituto do Ceará, o Pen Clube do Brasil e membro efetivo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, da Associação Brasileira de Imprensa, Ordem dos Velhos Jornalistas do Brasil e sócio correspondente da American Library Association. Integrou a Comissão Nacional de Bibliografia (1954) e a delegação do Brasil à conferência de Biblioteconomia promovida pela Unesco em 1951.**

**Ocupou a poltrona 19 na Academia Amazonense de Letras, patrocinada por Oswaldo Cruz e fundada por Jorge de Moraes, depois patrocinada por Coelho Neto, em eleição de 16 de setembro de 1951, sendo empossado em 20 de maio de 1952.**

**Sua poltrona hoje é ocupada pelo desembargador e poeta Lafayette Carneiro Vieira.**

**Foi presidente da Academia quando do afastamento de André Vidal de Araújo por motivo de doença a partir de 14 de junho de 1974, exercendo o cargo na condição de 1º vice-presidente. Não sendo eleito para o cargo quando do falecimento de André Araújo, consta ter-se desgostado com a Academia, mas não perdeu o espírito que rege a imortalidade dos intelectuais, permanecendo a contribuir de forma contínua na imprensa e em missões culturais.**

**A seu pedido o governador João Walter de Andrade realizou obras de conservação no prédio-sede da Academia, quando de seu período de presidência interina.**

**Integrou a comissão de reforma do Teatro Amazonas no período do governo João Walter de Andrade (1971-1974), de cujo gabinete era redator especial.**

**Foi sua a pesquisa que deu forma à decisão da Comissão de Revisão da Bandeira do Estado do Amazonas, criada junto ao gabinete do vice-governador Paulo Pinto Nery pela Comissão de Defesa do Patrimônio Histórico, resultando na Lei Estadual nº 1.513, de 14 de janeiro de 1982, adotada pelo governador José Lindoso.**

**Sua grande experiência na administração pública foi como diretor da Biblioteca Pública, cargo que exerceu de 1950 a 1966 e no qual se aposentou, após 30 anos de serviços prestados àquele estabelecimento cultural.**

**Jornalista profissional ingressou na imprensa em 1927, no serviço de reportagem do Jornal do Comércio, sendo depois levado a redator e escreveu por mais de vinte anos com regularidade artigos versando sobre assuntos mais diversos com uma prosa atraente, rica e simples, com predominância da temática amazônica, em coluna semanal do jornal, sempre aos domingos. Seus mais de 1.100 artigos, na maioria crônicas, foram publicados também em outros jornais e revistas de Manaus, Belém, Santarém, Fortaleza, Rio de Janeiro, São Paulo e Lisboa.**

**Foi agraciado com a Medalha do Mérito Jornalístico (1971), participou da fundação da Associação Amazonense de Imprensa (1937), e foi escolhido como jornalista do ano em duas oportunidades, 1965 e 1973, em eleição pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas.**

**Dentre outras condecorações que recebeu está a Medalha do Pacificador, outorgada pelo Exército Brasileiro; a Medalha Cultural Paulino de Brito, do Conselho Estadual de Cultura do Pará; a Medalha Machado de Assis, conferida pela Academia Brasileira de Letras; a Medalha de Ordem do Mérito Militar, no grau de Oficial; a Medalha Tiradentes, da Polícia Militar do Amazonas e a Medalha Dom Pedro II, do Instituto Geográfico e**

**Histórico do Amazonas; a Medalha Centenário da A Província do Pará, conferida pelos Diários Associados.**

**Escreveu as seguintes obras literárias: “Nascença e vivência da Biblioteca do Amazonas”, (1957), editado pelo Inpa, com grande acolhida na área universitária e nos meios ligados à pesquisa histórica; “Fastígio e sensibilidade do Amazonas de ontem” (1960), editora Sérgio Cardoso; “Chão e graça de Manaus”, (1975) reúne belas crônicas da história e da paisagem sentimental da Manaus que tanto amou; “Assim nasceu o Ideal Clube”, coletânea de artigos domingueiros que rebusca as raízes da fundação do Ideal Clube, em 1903, revelando as belezas da sociedade manauara desde aquele ano até os dias presentes (1979), mandado editar pela diretoria do Clube; “Lampejos de um cronista” (post mortem), compilado pelo filho Carlos Genésio, editado pelo Governo do Estado em 1992.**

**Ao registrar o lançamento de seu livro Fastígio e sensibilidade do Amazonas de ontem, Josué Montello disse na orelha da edição:**

**Genesino Braga, homem do Amazonas, é bem o exemplo da criatura que segue o caminho de sua aldeia. O que ele reflete, com sensibilidade e estudo, corresponde a uma ligação com a terra de suas origens.**

**Sobre o mesmo livro, ao prefaciá-lo, escreveu Luís da Câmara Cascudo, ressaltando as qualidades da obra e do autor:**

**Genesino Braga foi buscar nos arquivos documentação insubstituível para reconstruir a terra com os seres que a povoaram com sangue e gestos, opiniões e graças, desejos e amavios. Em treze quadros cíclicos, comunicantes de simpatia, trouxe aos nossos dias presentes Manaus festiva e recepcionadora, Manaus histórica e cheia de lembranças, num verismo emocional que o sagra Ticiano das grandes sombras.**

**Dele disse Oswaldo Orico, membro da Academia Brasileira de Letras:**

**(...) é uma antena fincada às margens do rio Negro. Uma sentinela viva dos movimentos literários que sacodem este país a que ele capta com o poder centrífugo de sua pena, transformando os acontecimentos em lições de informações e crítica.**

**O que o distingue dos simples comentadores de livros é a armazenagem dos fatos com que ilustra o noticiário de uma obra, acrescentando ao valor que ela possa ter a participação de sua experiência no assunto que aborda.**

**De seu livro Chão e graça de Manaus, diz João Mendonça de Souza, em trecho final:**

**(...) pelo muito de sentimento e afeição que se impregnam às suas páginas, ao interpretar o autor a Manaus dos idos tempos, bem poderia trazer no pórtico a legenda que Coelho Neto fixou em um de seus livros: Isto não é literatura; é carinho.**

**Para Arthur Engrácio, autor de antologias literárias, muitas vezes organizadas pelo critério do que se encontrava ao seu primeiro alcance d'olhos, sem maior pesquisa, ou mediante seleção de amizade, que incluía alguns e excluía outros, pelo menos em relação ao professor e acadêmico Genesino Braga, foi justo ao registrar:**

**Genesino Braga diferencia-se da grande maioria dos seus pares da Academia Amazonense de Letras, pela sua forma enxuta de escrever. Seu estilo é sóbrio, sem a pomposidade, a enxúndia tão encontradiça, ainda, nos textos acadêmicos. A palavra para ele, vale menos pela ressonância que possa produzir, dando uma falsa idéia de valor, que pelo sentido que ela expressa, realmente. Daí o seu escrever coreto, claro, subordinado rigorosamente às normas do vernáculo e da boa linguagem.**

**Como forma de ampliar junto à população, especialmente aos estudantes, a relevância de seus trabalhos no Estado, o governo do Amazonas, por meio da Secretaria de Cultura criou e**

**implantou a Biblioteca Genesino Braga em agosto de 2002, no bairro mais populoso da capital à época, bairro de São José, que vem funcionando com grande aceitação e com os recursos mais modernos. Trata-se de uma biblioteca escolar que foi inaugurada juntamente com o Teatro Luiz Cabral com o qual faz par para servir à comunidade da zona leste da cidade.**

**Faleceu em Manaus em 19 de junho de 1988, aos 81 anos de idade.**

**Danae e a chuva de ouro**

**Genesino Braga**

**Era uma vez linda princesa...**

**A lenda é meiga, ingênua e doce...**

**...e meiga ingênua e doce era melíflua Danae, filha única de Acrísiø, Rei de Argos, vivendo em sonhos a existência que os deuses bons lhe conferiam.**



**Num promontório sobre o Inacos, - o rio das fábulas dormidas — a virgem hauria os bens da vida, tinha a seus pés os rapsodos, tinha a suas mãos fadas benignas... Nobre e sensível castelã, de suas janelas ogivais olhava os pássaros alados, ouvia cítaras plangentes, ouvia épicos heróicos, que os ventos sísmicos das Cícladas traziam, em músicas vibráteis, a seus anímicos cismares...**

**Danae sorria e era feliz...**

**Seu negro olhar de noite flébil pousava brando nas paisagens que os nobres muros do castelo ríspidamente circundavam. Seus lábios doces só se abriam a balbúcies pueris, Vênus de corpo escultural, sangue sem apelos nem desejos, não tinha ardor no coração. Não tinha Príncipe Encantado, não tinha anseios de noivado, não tinha dor, não tinha amor...**

**Danae era um sopro de blandície...**

**Danae era a paz da Criação...**

**Um dia, oráculo ardiloso, — prossegue o lúcido raconto — ao Rei prediz: morte inopina, às mãos de um neto, ele teria, em dia infausto do porvir.**

**O Rei medita e pensa em Danae, a linda e fúlgure princesa, a virgem e casta flor do Reino, a filha amada...**

**Mas, - rei é rei e a vida augusta, a realeza e o trono invicto devem ser logo preservados...**

Toda de bronze, exposta aos ventos, ereta, altíssima, imponente, a torre-cárcere se ergueu no promontório sobre o golfo de ondas mansas, fugidias... Mandara o Rei edificá-la para encofrar a castidade da meiga e cândida princesa... Bem alto, em cela luxuosa, entre janelas gradeadas, no extremo andar da torre heril, a moça penitenciava a inibição de amor provável e de pecado original...

O velho eunuco-carcereiro trazia-lhe flores e frugais, contava lendas melancólicas de rapsodos passionais...

Danae, em seus pérfidos desígnios, - flor de inocência e de indulgência! – cumpria sem mágoas seu fadário...

Danae, em silêncio, meditava, fitava o muito azul do céu, errando em sonhos e quimeras, pedindo aos deuses proteção... Recorda Zeus em seus noivados, pensa em Semele fecundada, pensa em

Latona, mãe de Apolo, pensa Diana, Ceres, Io, em Mnemosina, em Alemena...

Virá do Olimpo a redenção!...

Eis que, em noite silenciosa, de ventos calmos, sem fragor, de pulcra ronda sideral, estranha chuva a torre envolve...

E chuva de oiro, luzidia, de fios aurifulgentes, joiando o âmago da noite, doirando o céu, doirando o ar...

Os fios luzentes, insolentes, penetram as grades da prisão e caem em volúpia sobre a virgem noite, explêndida, a dormir...

**Compreensão... Revelação...**

**É Zeus, na sua metamorfose, divinamente enamorado, que, em seu poder de encantação, em oiro todo transformado, a bela moça enlaça e ameiga, em posse olímpica e sensual!...**

**Danae é o abandono sensorial, em seu estado de doçura, entregue ao ímpeto do deus, na graça íntima do amor...**

**Consumação... Concepção...**

**...e a lenda fúlgure prossegue: nasce Perceu e o Rei, irado, Danae e o filho atira ao mar ...**

**As ondas levam os renegados a terras outras do sem—fim, aonde se salvam e são felizes e vivem muito até que, um dia, os vaticínios do advinho se cumpram em fórmulas fatais...**

**A história mítica de Danae define símbolos morais.**

**Transportam as ânsia dos milênios, esquemam lúgubres desígnios rememorados na consciência do fabulário emocional.**

**Danae reclusa e a chuva de oiro...**

**Danae passiva em doce oferenda de amor aos deuses vontadosos, para que, assim, de suas entranhas, surjam outros deuses protetores, ou nasçam ídolos e heróis.**

**Seiva do céu é a chuva de oiro em solo virgem, fecundante, gerando safras e plantéis...**

**Pluviável bênção aurifulgente, que acorda os gênios e inspira os poetas, na enunciação da voz de Deus...**

**A chuva de ouro é a emanção da graça lírica do amor, essenciada de poesia, na ingênua lenda original...**

**Danae é o esplendor das germinais, nas férteis dádivas do amor, a reflorir pelas idades em mudas ânsias sublimadas nas espirais dos sonhos vãos.**

**Dai chuvas de ouro a Danaes outras, na torre altíssima dos sonhos, - e eis triunfal o ardil dos homens na trama poética das lendas, que se renovam pelos tempos e multiplicam-se no mundo, em tempestades hibernais de trovas, crônicas e cânticos de amor, de sonho e poesia...**

**SE TU PERDESSES A BELEZA...**

**Genesino Braga**

**Se tu perdesse a beleza... e o olhar intenso e a fala musicalizada, - ficarias sendo, não a mutilação da Obra Perfeita, mas a transfiguração da Obra Perfeita.**

**A pacificação da carne ansiosa, a sombra de êxtase nos olhos áridos, a suave tristura de uma boca sem canções, - tudo acordaria em ti uma alma sensorial de superfícies brandas, com a reprodução calada dos ecos todos que afirmam a força e a energia da Criação.**

**Irias gravar, nas cicatrizes dos pensamentos apaziguados, a doçura das noites de veludo que abrandaram as tuas ânsias. Afloraria, na tua saudade, a memória das imagens recalcadas no clamor dos apelos, para que as sombras dos instantes imperecíveis se transfundissem no respeito humano que a integridade de teus desígnios obrigaria.**

**Então, feito milagre de transmigração, a singeleza de tua nova consciência daria à vida a excelsa explicação do teu amor. Seria a libertação da alma postiça que teu corpo vestia, ficando-lhe a delícia de poder absorver, para indulgência e redenção, as essências da beleza incorpórea.**

**Ascenderias à Perfeição! Decifrarías no perdão do teu corpo sem desejo, o imutável segredo da composição estética da vida. E o doloroso fundo da tua natureza melancólica teria a participação da felicidade imaterial.**

**... e uma outra espécie de formosura – a Harmonia Interior – surgiria em teu destino, como um fluxo de redenção espiritual...**

**Oh!, se tu perdesse a beleza...**

-----

## **O SONHO DE ANO-BOM DA MOÇA LOIRA**

**Genesino Braga**

**A Moça-Loira entra na boite e os acordes do primeiro blue a arrebatam para a quintessência de seus doces devaneios...**

**A música é uma pasta melódica que escorre sons indolentes e sem pressa sobre o tablado da imaginação. Fermata infinita celebrando a suave tristura de algum recalque sem remédio... Sopro consolador da alma aflita, que suscita delitos impossíveis e gera o eflúvio dos pensamentos proibidos... Recado de todas as distâncias, no tempo, que a trompa emite e a alma capta no epitáfio dos ritmos desfalecentes... Solo exausto e sensual dos desesperos de sobreviver...**

**A Moça-Loira dança o blue no esvazamento da sua interioridade emocional. Dança e sonha... Uma espécie de êxtase votivo apazigua-lhe a carne ansiosa, em sua orgulhosa veemência de pecar. As sombras dos desejos insatisfeitos atropelam-se em fugas sensoriais, como imagens recalçadas da**

**última tormenta. Sua alma é a paz; seu espírito é a indulgência dos apelos dilacerados; seu sangue a desmemória dos impulsos superados...**

**A Moça Loira sente, na nota elástica da música, a lenta filtração da mocidade. Os alaridos da entrada do Ano-Bom acordam-lhe os pensamentos sensatos na determinação do tempo. Há folhas de outono, já, moiscando paisagens à sua frente. A tênue penumbra ambiente traz-lhe a intimidade das vozes sentenciosas da vida... Mas, a Moça Loira é toda uma aceitação do irremediável, e seu fortuito pensamento de Ano-Bom. Dança e sonha... aos braços vigorosos que a enleiam, intencionais, outros mais sucederão, em líames táteis de volúpia, na impetuosa desintegração do plasma. Esquece, assim, os sopros rígidos do tempo e refugia-se na idéia vã de perpetuar o seu enternecido devaneio. As notas longas e lascivas daquele blue desapressado bem poderão suprimir todas as tintas da lembrança e deixarem-na parar naquele sonho, distanciada, em nostálgico recuo, dos festivos silvos e alaridos que saudavam, sim, a fuga de sua mocidade.**

**Ah!, o sonho de Ano Bom da Moça-Loira, no doce enlevo daquele lânguido blue de notas mansas...**

**A VALSA DAS DEBUTANTES**

**Genesisino Braga**

**As debutantes dançam a sua primeira valsa....**

**A ronda alígera dos corpos harmoniosos acorda uma esperança ideal de vida nova...**

**As notas lentas debulham sonhos, desfiam rosários de carícias mansas, acendem as lâmpadas de oiro do primeiro amor...**

**Tudo refulge no deslumbramento desta noite maravilhosa!**

.....  
.....

**As luzes põem lampejos de cristal nos ornatos geométricos da pista...**

**Ágeis, frágeis, adejáveis, os pés mimosos descrevem a fuga das borboletas inebriadas pela fragrância dos nectários...**

**Parece que a alma da valsa se desagrega na tonteação dos pés em pontas; e à forma volta, donairoso, pelo ritmo das plásticas aladas...**

.....  
.....

**As debutantes dançam a sua primeira valsa...**

**Rodam, rodeiam, rodopiam, giro-girando em braços afetivos, na louçania dos movimentos graciosos...**



**A felicidade tem sorrisos de sol pelos seus olhos fulgurais...**

**Por suas cabecinhas inquietas passam procissões de sonhos em silêncio...**

**Nasce a primeira ilusão, em sua infinita pureza.**

**Brota o Enlevo!**

**Surge a Emoção!**

**... e eis o amor!...**

.....  
.....

**Todo o ambiente é de fascinação paradisíaca.**

**Na pauta das três essências do mundanismo – a Elegância, o Cavalheirismo, a Euforia – sobreexcele o espírito da Beleza.**

**A festa é uma divinização da “menina-moça”, glorificação pagã do “entreaberto botão e entrefechada rosa”. É o noivado da graça e do Amor!...**

.....  
.....

**Das cabecinhas tontas esvoaçam as painas dos pensamentos felizes...**

**A debutante dança... Dança e sonha... A dança é o sonho rítmico dos movimentos; o sonho é a dança azul dos devaneios...**

**Bailar é um vôo impossível que o corpo ensaia pelos rosais da Vida...**

**Sonhar é a suprema respiração da alma...**

.....  
.....

**A debutante dança... Deslumbrada, absorta, feliz...**

**Lá em casa ficara a última boneca; e a dormir sobre ela o último beijo de criança...**

**Agora, é a ditosa senhorinha de olhos ternos e coração aberto para os anelos do amor...**

**Sobrevoa-lhe o espírito ingênuo, em seu enlevo sideral, a esperança de uma felicidade perene...**

.....  
.....

**Povoi de graça e bênçãos, meu Senhor e meu Deus, a valsa e o sonho bom da debutante!**

**O SAMBA**

**Genesisino Braga**

**Tem toda a cadência das falas, dos modos, da alma e da vida do estrênuo Brasil!...**

**Tem todos os ecos que afirmam os anseios, as dores e as mágoas da raça caldeada no sangue tapuio, na alma dorida do negro cativo, na lusa saudade do desbravador!...**

**Tem todas as vozes da faina dos morros, o ar dos barracos, o gingo das “negas”, a gíria solerte dos “cabras” matreiros, a ingênua credence das velhas mucamas!...**

**O samba é o Brasil!...**

**Brasil que gemeu nas torpes senzalas e agora nos canta os hinos de glória da sua liberdade!...**

**Brasil de arco e flecha, que impou nas “entradas” do branco insolente e hoje se alteia, domina e triunfa nos prélios olímpicos; e faz, nas ciências, nas letras, nas artes, robustas conquistas de nobres lauréis!...**

**Brasil das “Bandeiras”, dos “Fortes” invictos, das lutas sem tréguas ao guapo invasor, que hoje repete façanhas heróicas em Monte Cassino, Castelo e Suez!...**

**O samba é bem todo esse alçado Brasil dos nossos poetas, dos mártires nossos, dos nossos heróis, que, em líricos versos, em vero holocausto, em feitos audazes, fincaram alicerces de paz e progresso, de impávida força, de orgulho e riqueza da altiva Nação!...**

**Brasil de Fernão Dias e Castro Alves!...**

**Brasil de Paraguassu e Maria Quitéria!...**

**Brasil de Marcílio Dias e Tiradentes!...**

**... de Ajuricaba e Felipe Camarão!...**

**Brasil da Princesa Izabel!...**

**E todos os vultos, viris, altaneiros, e todos os feitos augustos da pátria resplendem no samba seus dias de glória, seu vivo esplendor, no cívico canto de brasilidade, que o samba engrandece, que o samba enriquece, que o samba traduz!...**

**O samba referve cadências mulatas no sangue, nos pés, na alma, nos braços, no sonho, nas veias e no coração da grei brasileira!...O samba é o Brasil!...**

**Brasil verdadeiro, que mora nos morros, que corre nas praias, que sua nos roçados, que laça nos pagos, que corta seringa, que tange boiadas, que rema no mar...**

**... que cata garimpos, que doma sertões, que sonda petróleo, que ordenha, que pesca, que colhe e canta poemas de imensa ternura, em anelos de amor!...**

**Cantando e dançando, mexendo e movendo, bolindo e tinindo, repondo e compondo, - o samba é o Brasil!...**

**Brasil na glorificação da liberdade!...**

**Brasil na exaltação da nacionalidade!...**

## **LUZES DE NATAL**

**Genesisino Braga**

**Sobre os róseos berços de Gisele e de Monique, divinizadas na ressonância das éclogas pacíficas, refulgem as luzes de Natal. Vêm de noites estelares, na ronda cósmica dos séculos, clareando tempos e distâncias, levando ao céu ânsias e dores, trazendo à terra bênção e paz. São graças fúlgidas de amor, mensagens fúlgures de Deus, que brilham em súplicas e preces, que argentam sonhos, que doiram anelos, que expõem revérberos candentes no chão brunido dos caminhos, que, - auspiciosos, luminosos – conduzem à graças do perdão.**

**Monique e Gisele dormem e sonham, em seu berço de idílica pureza. Dormem e sonham, nesta noite de cânticos e hosanas, - no ar o aroma das apoteoses. Dormem sorrindo o afeto da inconsciência, sonham habitando em céu de doce enlevo. São os sonhos frágeis da inocência, sonhos azuis da puerícia; sonhos que vagam em mundos transcendententes e buscam à vida rumos de lindeza, - rumos que ficam em nossas ânsias de divindade e**

perfeição, gratos refúgios na tormenta, suaves abrigos no infortúnio, nosso conforto e proteção.

Os cursos lépidos de vida, que, sobre os meses de Gisele e sobre os meses de Monique, contam o bater do coração, somam nirvânicos desvelos, falam das horas de vigília, dizem do amor que mais sublima, revelam angústias e paixões. São dias de cândida existência, horas alíferas, fugaces, que se defluem em bem de graça, entre rosais e madrigais, sob apanágios de candura, nutrindo ricos cabedais de segurança e de esperança, - horas de frágil existência, robustecidas nas canções de acalantar, purificadas no calor dos colos santos e dos regaços veneráveis, maternais.

Na noite mansa de Natal, na noite-paz da cristandade, as meigas primas dormem e sonham... Flores recentes, lâmpadas novas, ornatos últimos da velha árvore de Natal, deram-lhe seiva, deram-lhe força e exuberância...

Deram-lhe a luz da estrela-guia, de céus distantes, da noite avoenga, - a graça e o bem da virginal concepção... Trouxeram o fulgor do oiro de Baltazar, a fragrância do incenso de Gaspar e a untura da mirra de Melchior.

Ah!, mas, dentro em pouco, nesta noite de cânticos e hosanas, Monique e Gisele acordarão... Meigos sorrisos de criança unir-se-irão ao todo harmônico da noite, - e seus olhos brilharão como as estrelas, e a seus ouvidos chegarão os estribilhos das preces leais que saem do coração, pelos votivos cânticos de amor, pelas ingênuas éclogas erguidas nas ladainhas e nas pastorais, - e pelos salmos de louvor e glória, - balsâmicos, anímicos, sublimes, - que dão beleza, amor e poesia à contrição universal.

## **NO “DIA DAS MÃES”**

**Genesisino Braga**

**Estas pompas, estas festas, estes risos, compõem poemas invioláveis nas cicatrizes de velhas ânsias mal saradas. Elegem toasts ao Amor Materno, - manancial dos bens da vida, árvore de fronde rica pródiga em abrigo, jardim que a Mão Divina procriou para a germinação do afeto e da bondade!**

**Estas pompas, estas festas, estes risos, salmam e saúdam o Coração Materno, - emanção das bem-aventuranças que pacificam os conflitos da razão... veio do perdão e da doçura, em ricas dádivas, nas entranhas dos séculos... voz de renúncia e desistência, que aconselha e define com as sentenças de todos os instintos e as vozes sábias do pressentimento...**

**Mãe-Afeto!**

**Mãe-Ternura!**

**Mãe-Amor!**

**É em teus seios de veludo morno que se dissipam os pensamentos sem pureza e se refrescam as fronteiras fatigadas, batidas por cruéis desesperanças. É de teus olhos de perenes preces, úmidos, mansos, compassivos, que emanam os unguentos lenientes para as horas de angústia e depressão... Tuas mãos são as asas do perdão supremo! Teus lábios soltam a música da vida e a poesia maior da criação!**

**Tu és Arrimo!**

**Tu és Consolo!**

**Tu és Amor!**

**O INSTANTE DIVINO**

**Genesino Braga**

**Daquela púcara de água fresca, que era a boca ansiosa de Danielle, rolavam as bagas da última carícia. Na sôfrega**



mitigação de mórbida sede de ternura, que a envolvia em posse extrema, todos os instintos se refinavam para a consumação do grande momento.

Na madrugada clara, da varanda de bambus debruçada sobre a praia, sombras de palmeiras esguias decalcavam as vozes do silêncio na paisagem fria. As ondas acordavam velhas canções dolentes que as saudades marujas eternizaram em fermatas sem fim... E o luar punha brunidos de faiança num céu antigo, sempre presente.

Vinha do dancing, pela preguiça elástica do último bolero, uma sensação de inércia e de fadiga, que lá fora os ventos refrescavam. A música parecia fixar a imagem daquele instante, sob a incitação reticente de seu nome: “O momento do amor...” Havia nela um sonoro desejo de explicar os ímpetos da carne pelo conflito dos graves e agudos que se intercontundiam nos sopros metalizados. Notável de epigramas estéreis, fastidiosa e vazia de comunicação, saturada de moleza e indolência, - elucidava, entretanto, a objetividade daquela misteriosa fascinação dos sentidos.

Danielle vivia todos os fragmentos de seu próprio devaneio na imobilidade do transporte interior. Em estado langue de graça e consentimento, deixava repousar, ao colo pando, a cabeça em abandono do Bem-Amado. Fruía a posse plástica da sua #andolatria, na capacidade integral de todos os sentidos, com os grandes bens da sensibilidade. Aquele instante de onírica ternura, hauria-o em gotas, a jovem enternecida, como se protraísse de si própria, para a perpetuação daquele anelo, a filtração de seus gratos anseios.

**A doce interpretação daquele idílio oferecia alguma coisa de místico e profundo para o cansaço imenso de sua alma. Eram fusões de gravidade imperativa integrada no contacto poroso, com a adesão da matéria, para o curso livre das imagens sem percussão. A expansão dionisíaca do amor surgia e oscilava entre o espírito ferido pelo efêmero e a idéia misteriosa da eternidade.**

**O fundo lírico da paisagem – o mar, as sombras vãs, o luar, o vento e a música lasciva – tudo ainda conspirava a precipitação do choque definitivo das revelações quando ocorreu o desmoronamento da resistência física que o retardava.**

**- Danielle...**

**E houve, então, no Espaço, no Tempo e na Forma, o colapso fatal do macrocosmo no microcosmo do amor...**

**TUDO ISTO É DEZEMBRO...**

**Genesisino Braga**

**Se nada mais restasse do que essa música sem memória, que anda nas falas, nos baques e nos toques de todas as coisas, neste multíssono Dezembro, - só isso bastaria para compensação de nossos íntimos conflitos, de nossas dores sem remédio, de nossas lutas sem grandeza.**

**A lírica ressonância que sobrevoa o mês último do ano, acomoda-nos em um álveo de ingênua beleza, sem resposta e sem eco para as vozes perdidas, sem imagens ajustadas para os gestos de aflição.**

**Esse alarido de cores, que veste a estatuária feminina; essas vozes, que estridulam cristais de preço nos votos de felicidade; esses ritmos santos, que emanam, ingênuos, das pastorais, essa fragrância, que vem das árvores e da terra, ao nupcial das chuvas de verão, - tudo isto é Dezembro!...**

**É Dezembro o riso da criança pobre a mirar o triciclo do menino rico; é Dezembro uma estrela caudata fulgindo sobre o mundo; é Dezembro o olhar sem brilho do homem-sem-pão frente as vitrinas das confeitarias...**

**Dezembro está na soma do mundo, no cômputo, da vida, na integral de todos os movimentos. Está na gris saudade do ancião e no sonho jovial do adolescente; está nos ganhos do mercador de brinquedos e na súplica fatigada dos mendigos; está no frêmito apressado das ruas e na doçura ambiente dos lares mansos.**

**Dezembro canta nos anelos dos moços, sorri no contentamento das crianças, revive sonhos nos pensamentos exaustos, murmura preces no entre-lábios dos ascetas; e grita, brada,**

**zune, tine, rufla e soa, perene e alegórico, na ronda lírica e orquestral de todos os ruídos da faina universal.**

**Tudo isto, agora, é Dezembro! Depois... será Janeiro...**

## **DO ROMANCE DE GLAURA...**

**Genesisino Braga**

**Certa vez, encontrei-a em depressão de ares sombrios, como se estivesse a declamar, em compunção, a “oração sobre a Acrópole”, de Renan.**

**Confrangia ouvir-lhe a voz de cantochão, naquele infinito clamor de dolorosa contingência humana, celebrando, talvez, o rapto de sua alma, em tarde gris, numa curva do mundo.**

**Olhar manso e parado, expressão anêmica da Forma e da Emoção, imagem fixa de um instante da extese, - Glaura gerava uma geometria de ângulos místicos, em pura harmonia com a Obra Criada.**

**Levara-o o Amor a esse refinamento lírico da sensibilidade. Mas, o orgulho do seu último pecado incapacitara-a para o exangue estado de doçura; e o travo insidioso do primeiro consentimento abria-lhe as cortinas do seu mundo interior, bem antes de se lhe extinguir o fulgor da adolescência.**

**Na sábia justa do coração, a ingênua amorosa turificara os altares das mercês com os incensos da volúpia acolhedora. A renúncia, a confiança, a compreensão, - todas as vestes níveas da anuência fizeram ao alto os sopros do íntimo recato, naquela doce e purificada oferenda de ternura.**

**Mas, Glaura esquecera as dádivas sagradas que atendem aos apelos do instinto. Seu corpo moço, de suscitáveis linhas harmoniosas, não participara daquela oblata; e os deuses mais justos lhe recusavam as bem-aventuranças do Amor.**

**O sonho morto, a alma inundada de aflição, Glaura sentira o peso do ideal insatisfeito, naquela paisagem viva do seu dilaceramento de solitária.**

**Não chorou.**

**Não clamou.**

**Por que chorar e clamar dentro da angústia e do tormento com que assistira à negação da sua lúbrica osmose?...**

.....  
.....

**Agora que Glaura está morta e que, da sua lembrança, resta apenas esse desdém, esse fastio indisfarçável para todas as formas de redenção, - tudo se conclui daquela completa**

**desistência de Deus que o ricto amargo de sua boca oferecia,  
diante da Vida, diante do Amor, diante da morte...**

## **DO CANCIONEIRO DA ETERNA SAUDADE**

**Genesisino Braga**

**Lembro-me bem de suas cantigas... Ainda marulham, rente à  
saudade dos meus ouvidos, muitas canções que ela cantava e  
se infiltravam docemente nos sentimentos da minha  
adolescência. Algumas, ternas, de comovente evocação; outras,  
alegres, de glosas ricas de facécia, - de quase todos esses ritmos  
do velho cancionero ficaram trechos esquecidos esvoaçando  
nas paisagens da minha recordação. Dessas canções, porém,  
uma penetrou fundo em meu espírito e veio comigo, pelos**

tempos, com a imagem mais viva que conservo no sacrário do afeto filial. Foi a que ouvi, certo dia, ao fim suave de uma tarde sem recalques, a escapar-se em tom estranho dos lábios santos de minha mãe. Passeava, ela, pela praia, eu a seu lado, no esparecimento das suas lides rotineiras. Soprava da baía de fundo glauco um vento lépido, que segredava mensagens de carícia às ondas mansas; e a paisagem se estendia para outros céus, como a encampar mais amplos horizontes para a ilimitação dos seus deslumbramentos.

Naquele painel de tintas variegadas, edênico em sua grandeza primitiva, minha mãe pôs-se a cantar. Começou baixinho, em tom de prece, quase em sussurro, batendo os lábios fartos como em leves contatos de asas malferidas, o olhar perdido nos longes das distâncias. Depois, ergueu a voz em escala ascensional, alheiou-se das formas de vida que a cercavam e saiu a caminhar na areia úmida, rente à água, livre e leve, como se alçasse um vôo para o Infinito, em busca de algo que dela houvesse em algum tempo se escapado com o alar das suas últimas quimeras.

Minha mãe cantava alto, com um travo de mágoa e de ternura na voz sentida. As palavras saíam-lhe da garganta como gemidos de gaivota ferida, arrancados do fundo de alguma frustração, que só ela conhecia. Não eram de pranto, porque traziam a secura dos desencantos cicatrizados; não tinham lágrimas, porque se desprendiam enxutas das gotas de desengano que haviam banhado o seu exausto coração. Eram mais, talvez, a libertação de velhas ânsias nos cofres da alma acumuladas como reservas de anelos e esperanças, em auspícios bons dos bens da vida.

Adolescente, ainda, no gosto de vê-la sempre afável e prazenteira, fiquei a contemplá-la, meio aturdido, naquele instante de arrebatamento de sua alma. Era de seu natural uma alegre conceituação da vida, que ela prodigalizava no jovial amor aos filhos. Amava as plantas e cultivava os roseirais com a orgulhosa paixão de uma deusa inexorável. Muitas madrugadas de verão surgiram de seus olhos de tâmara seca, entre alaridos e canções, para o afã das regas no jardim. Exultava no contentamento de ver se abrirem as rosas nas roseiras que sua mãos boníssimas cuidavam; e o mais desgracioso dos enfados, que lhe punham o coração, vinha de ver colhida uma, sequer, das flores de suas plantas, que nestas deveriam cumprir seus ciclos de beleza.

Naquele fim de tarde, porém, minha mãe surgia para mim como uma estranha revelação. Como me parecera extraordinária em seu enlevo! Que fronte pura! Que olhos cheios de enigmas! Que traços nobres e altivos! Seus cabelos volumosos e espessos cobriam-lhe a cabeça em novelos assimétricos como os das estátuas de atletas da escola florentina. Seu passo era o de uma Ninfa que saísse a cantar na areia das praias do Tirreno. Do seu todo emanava alguma coisa que era como a respiração da alma através das linhas austeras de seu corpo.

Com aquele canto secreto do seu coração, a sua efêmera evasão do mundo palpável, o encanto de mistério que se adivinhava em sua expressão emocional, - guardei para sempre a sua imagem daquele instante no meu coração. Por muito que eu viva, nunca poderei esquecer aquela expressão helênica de seu rosto, a um tempo forte e terna, em recorte de camafeu na amplidão da paisagem crepuscular. Mas, nunca também



**poderei compreender a sua linguagem daquele momento, o grito dilacerado que a sua doce alma de santa soltara naquela tarde, não sei para quais rumos do Nirvana, através daquela dolorida melodia, que ficou perene, com a sua imagem, na minha eterna saudade.**

## **CANTIGAS DE FRANÇA**

**Genesisino Braga**

**Venho de ouvir canções de França, que um chansonnier do mundo alto deixou escapar pela filtração de sua garganta de musgos brandos. Agora, eu trago mais um pouco daquela espiritualidade que iluminou Sarah Bernhardt e Mounet-Sully, que sublimou Musset e Flaubert e que deu a euforia das cores a Renoir e o segredo dos sons a Massenet. Agora, eu sinto mais**

**soberba a força espiritual daquele “Allons enfants de la patrie” que o cântico heróico universalizou em compassos imortais.**

**O cantor nos transmite, pelos vitrais da sua voz, a luz coada de uma França povoada de imagens felizes. Suas canções estão cheias da ternura e da ironia daqueles vetustos recantos de chão querido, por onde vagaram santos e poetas, distribuindo, entre os homens e as coisas, muito vidro translúcido de Evangelho e os mosaicos de sol da Poesia. Falam-nos de paisagens singelas da campanha, do espírito de um provérbio cheio de bom senso, de algum cenário de porcelana rente ao Loire, de velhas fábulas e canções na boca dos paysannes – e tudo isso num modo de contar e de cantar que é o mais doce e o mais ático do mundo.**

**Porque, no repertório outado do chansonnier, desfilam as coisas belas, as coisas boas e as coisas amadas da amada França: desde o donaire dos figurinos de Lanvin e de Patou ao cosmopolitismo da Praça Pigalle; desde a suavidade dos perfumes de Guerlain e de Chanel ao formigamento das midinettes descendo das praças para o métro; desde o bouquet dos vinhos de Bourgogne – o Chambertim, o Pommard, os Rosés, o Chablis – ao intrincado das vielas do Templo ou das rampas de Montmartre. Paris está presente naquelas blagues, naquelas estrofes, naquelas boutades do “Ce Soir”, do “C’est si bon”, do “Pigalle”. Toda Paris, absorvente e seducente, com seus teatros, seus cafés, seus cabarés, seus boulevards; a Paris das perspectivas, dos cais do Sena, dos jardins, dos bois, dos museus, da mocidade alegre da Sorbonne e das modas femininas em linhas gráceis e volúveis; a jovem Paris eterna, Paris do amor, do espírito, do trabalho, do gênio, da poesia, da arte, da ciência, da razão de viver; a Paris das mulheres caindo**

como andorinhas e pétalas sobre a Praça Vendôme e a Concórdia; a Paris das noites feéricas alteando as letras lucifúlgues do “Moulin Rouge”, do “Bal Tabarim”, do “Shéhérazade”, com coristas e vedettes de todas as pátrias, suas cançonetas maliciosas, suas folias...

Toda a França, que tanto amamos e cultuamos, escorre e transborda nas canções que venho de ouvir. A teia de encanto e de afeto, que envolve de longe a saudade do cantor, é a líquida encarnação do mais puro e do mais alto lirismo que emana e esvaza daquelas estrofes sensitivas, plasmando a graça e a verve do encantador espírito de França.

Cantigas de França sempre me embalam e acalentam o coração...

## **O VIAGEIRO DA BELEZA**

**Genesisino Braga**

**Na caminhada para o Adiante, perdeu-se o Apóstolo, na busca ansiosa da Perfeição.**

**Andou, andou, andou... como nos falam dos príncipes medievais, os racontos azuis dos irmãos Grimm.**

**Enamorado da forma harmoniosa, desejava a estesia artística da alma, para o refinamento do aspecto da vida,**

**Fez-se Bom. Cobriu de graça o mundo para a passagem das sombras inquietas... Minorou as dores do sofrimento humano com os unguentos da Sua misericórdia... Derramou lindezas no Seu rumo e esparziu esperanças por todos os caminhos, objetivando aformosear os dias da humanidade...**

**Fez-se Poeta. E, Poeta, cantou, em parábolas sensíveis, por vales e montanhas, os poemas sos sentimentos generosos transfundidos no Amor... Amou as crianças, os pássaros, a natureza... Semeou alentos e otimismo entre os enfermos, os de alma triste e os sem fé... E o pugilo de iniciados, que agremiou em torno de Sua irradiação luminosa, transformou-os em argonautas de um ideal...**

**Fez-se santo e obrou milagres: deu aos cegos o variegado das paisagens, aos surdos a orquestração multíssonas do Universo, aos mortos a eurritmia da vida. As vozes divinas, que emanaram de Sua boca, santificaram todas as áreas da Terra, séculos a forma, numa perene propagação da Felicidade...**

**Então, proclamaram-no Deus!**

**... e crucificaram-no...**

## **EX-LIBRIS PARA POETA**

**Genesisino Braga**

**Mirna joga basquete e impele a esfera com a agilidade de um felídeo. Salta, enrija as espáduas queimadas, empina o busto escultórico e ergue a fronte para o céu, como a atirar uma oferenda de ritmos elásticos contra o sol. A cabeça é um pênsil cinzelado no sentido da energia criadora. Seus braços ágeis lembram “rowers” e dançarinos, malabaristas e arlequins, correndo um páreo de números destros; e os pés, alígeros, insubmissos, descrevem polioramas esquisitos na tonteação dos movimentos.**

**No acaso dos prélios decisivos, Mirna sente que suas mãos são fortes, que seus músculos são de ferro e poderiam, se ela quisesse, cortar o mármore duro, quebrar e percutir com violência, empurrar montanhas e deter o mar. Mas, a sua delícia estética está na maleabilidade da técnica de impelir a substância palpável, na exatidão do golpe, que a força bruta anula e só a inteligência precisa. Aqui, o impulso é certo, o**

**passé é medido, e bem calculada é a impulsão da bola. Há um apuro consciente na economia dos movimentos, como se quisesse afirmar a tese da força educada e da coragem equilibrada.**

**Mirna joga basquete inaugurando regras básicas no código da estatuária. Lesto e vivo, seu corpo é o corte rápido e incisivo de um golpe de florete, na pleniposse do espaço. Nas linhas suaves de sua forma, tudo é equilíbrio e harmonia: equilíbrio de energia e propulsão, harmonia de movimento e destreza. Inato à estrutura de seu físico, há uma correta declinação de curvas, que se alongam em seqüências donairosas, com a consciência e o sentido da agilidade retrátil.**

**Mirna é uma festa de movimentos corpóreos ao ar livre. Seu riso é alegre e matinal, seus olhos refletem as imagens de um cenário de brinquedo, sua presença insinua um plano interior de ímpetos felizes. O busto ereto, as coxas lisas, os seios em pontas, a cabeça em postura viril, o perfil de acentuado recorte, poderiam sugerir uma criação da estatuária grega, talvez o Apolo de Belvedere, se no olhar de Mirna não houvesse uma chama viva, ora doce, ora meiga, denunciando a presença de um coração ferido.**

**Bonita idéia, toda ela, no recorte da silhueta impetuosa, para o ex-libris de um poeta surrealista.**

## **CONDESSA**

**Genesisino Braga**

**Só se pode imaginá-la, coerentemente, na figura daquela estela do Cerâmico, tão ressumante de vitalidade. Seu busto heril, de aristocráticos contornos, impõe o trato de reverências bem cuidadas, como se um brasão de velha estirpe se insinuasse naquele olhar de graciosa austeridade.**

**Chamemo-la Condessa!... Senhora Condessa!... Porque o seu porte, seu busto e seu orgulho são de Condessa. Por sortilégio da formosura e da coerência, o clima de emoção que ela suscita, banha-o o hálito longínquo de austeras cortes, prisioneiras de regras e etiquetas.**

**Condessa é bem uma imagem senhoril numa balada nobre de Rostand. Beleza ativa, mas de olhar suavemente faisandé, seus traços, sua estatura, condizem com as linhas áticas do espírito, na expressão forte da personalidade. É toda graça e dignidade, sem discrepância do que lhe vem da alma romântica, nas justas hábeis do amor.**

**Toda a sua vida tem a beleza heróica de um romance. E, com o desencanto das borboletas sem horizontes, anseia pelo retorno à crisálida. Por muito alto sonhar, solteira permanece, aceitando sem tristeza que se dissipem, no tumulto das emoções, as tintas vivas da primeira mocidade.**

**No Amor, como na Arte e na Vida, Condessa apostoliza a interpretação lírica do silêncio. Mantendo o sentimento singularmente impassível, - sem derrame, sem sensualidade, - deixa que os arroubos de volúpia se deformem em imagens abstratas, dando a impressão de haver amordaçado os próprios nervos para reter a felicidade dentro de si mesma.**

**O raconto de Narciso ainda é a mais humana das concepções lendárias... Pegai Condessa, salpicai-a de amor e ansiedade, deixai-a mirar-se, oculta, ao espelho de um lago sossegado, - e eis Narciso!, enamorado de seus sonhos, de sua beleza, de seu orgulho...**

**NO CAMINHO DAS ESTRELAS**

**GENESINO BRAGA**



No chão reflexo, sob o cone de luz pênsl do teto, salta das trevas a silhueta da bailarina. Não é mais que a tênue pluma de Verlaine, vestindo a imagem da fragilidade; nem menos que a emoção plástica palpável gerada em seiva de cristal. É o jogo rítmico da Forma, a geometria sensorial dos movimentos, com que a etérea figurinha de Tánagra coreografa, na pista luzidia, o sentido escultório do equilíbrio.

Graça volátil, envolta em fúmeu véu de bisso, virgem e leve como um lírio, a lesta wilis meneia alíferos anseios, doma o espaço e se espirala em airoso voluteios, na argêntea faixa luminosa. Baila em oração: a expressão doce, os olhos súplices, nos lábios rictos a flor de um beijo de perdão. Suas mãos têm frêmitos de prece: flaflam tremuras de misericórdia, adejam acenos de mea-culpa, grafam sinais de contrição. Os pés deslizam, giram e correm, - flexíveis, alígeros, fluidais, - pétalos destros da cadência, plantas macias em tatos de veludo. Duas serpentes de carne rósea e elástica são seus braços, em harmônicos volteios pelo ar, como raízes de um caule teso e fléxil buscando os sumos da sobrevivência. De ventre esguio, de busto ereto, de coxas lisas, todo o seu corpo, esbelto e lépido, inspira o ideal da estatuária. Dança! e, na dança, ao som dos ritmos sensíveis do ballet, tem toda a movimentação da natureza: nada e voa, salta e coleia, rebenta e excita; é peixe e pássaro, gato e serpente, arbusto e mulher. Seus músculos se enrijam à flor da cútis nívea, suas veias refervem o plasma árdego e infrene da emoção. Toda ela é a voragem da posse exclusiva da matéria, a alma inflamada de êxtases e ardores veementes, em decalque na sua plástica harmoniosa.

**Súbito, a música finda, a bailarina se imobiliza, a luz se esvai. Da mensagem de beleza que ela nos trouxe ficaram esvoaçando em nosso pensamento, como uma ave cativa, os fragmentos daquele prisma de faces multivárias que o bailado refletia, - fascinante painel de arte emocional, imperecível de genialidade na razão estética do eterno espetáculo.**

.....  
.....

**Agora, a bailarina está prostrada. Na quietação do camarim, fechada e só, dorme em hipnose. É toda o abandono da força irrefreável que lhe agitara o corpo e o sangue; é toda o silêncio do tumulto em que, momentos antes, se fundiam os grandes apelos de seus músculos elásticos. O doce apaziguamento de sua carne marca limites entre a concepção reflexa da vida e o gosto exótico da morte.**

**Mas, o espírito da bailarina não repousa. No imenso dulçor da queda física, desvia-se para o efêmero. Tem sede de infinito e adeja, em ronda insatisfeita, pelos caminhos das estrelas. Liberto do corpo em letargia, continua a dança que este interrompera. Desloca-se para os prados e, colibri sôfrego, vai, de corola em corola, haurindo néctares acídulos. Oscula as relvas, afaga as fontes, vence as paisagens, beija as ramagens, dançando sempre, bailando tonta, em desvairada busca do Impossível, do Intangível, do Inatingível. Galga as montanhas, atinge os picos e pula para Via-Láctea; e vai, de estrela em estrela, em saltos rítmicos e doidos rodopios, bailando sempre, dançando sôfrega e alucinadamente, na ânsia de encontrar e de atingir, como na própria miragem de sua arte, talvez o fim do Infinito!**

.....  
.....

**No morno recesso do camarim, fechada e só, a bailarina desperta. Restituída dos cansaços que a extenuavam, retoma a posse da inteligência, - viçosa e esbelta flor de carne, nua e impalpável como no sonho de um fauno. E surge-lhe, então, do fundo espesso da penumbra, como em racontos de Grimm, o espectro fúmeo do Ballet. Já da orquestra, à distância, vinham os primeiros agoirais acordes da Dança Macabra, de Saint-Saens, sugerindo a impressão vertiginosa de um turbilhão aéreo em fuga da terra, para voar, no espaço, como os planetas.**

**- Que queres mais de mim? – indaga, espavorida, a bailarina.**

**- A fluidificação do que, em ti, ainda é matéria apodrecível. Carne, sangue, pus e lágrimas são insidiosas degradações das graças sagradas que recebeste para os milagres da interpretação da vida. No que há, em ti, de luz e unidade interior vivificam as grandes concepções do ideal artístico. És o instante de uma retirada harmoniosa para o transcendentalismo puro, o misterioso refinamento de uma vocação que encontrou a sua outra face na luz da tua predestinação. Fonte cristalina e marulhenta da criação divina, só teu espírito perdurará no mundo da suprema e eterna claridade. Porque reténs, dentro de ti, o clarão privativo dos seres para os quais a dança é a mais pura expressão da beleza. Não há um fim na trajetória do sentimento artístico, nem limites, no sobrenatural, para as aspirais da genialidade. À inteligência humana é obscura a decifração dos pólos**

**magnéticos da arte, onde sempre se confundem as perspectivas da imaginação.**

**- Vai e dança! Teu sonho foi panorâmico do curso infinito e luminoso em que se ampliam as razões estéticas da tua arte. Vai e dança!, - até que o teu espírito se acenda, pelos caminhos das estrelas, na paixão das potestades que te lançaram em seus desígnios! E terás, então, - luz e essência! – o milagre excelso da tua metempsicose em criatura sagrada, ungida com o íon divino que emana dos arcanos altíssimos e eternos do Nirvana.**

**Missa ao grande morto**

**Genesisino Braga**

**Amanhecera o dia oitavo do pesar imenso. A enormidade daquele óbito ainda contundia o sentimento da cidade. Todos os ruídos, os mais sutis murmúrios perdidos no espaço, traziam a força harmonizadora da grande dor, -- dessa dor que não grita, que não vocifera, que não reclama, porque macerada pela brutalidade dos desfechos cruéis, porque esmagada pela violência dos desenlaces inesperados. Os lamentos lânguidos, os fundos vagidos sem remédio, a desolação quieta e - tudo se pronunciava discretamente através dos sons plangentes dos sinos da Catedral, ao amanhecer do dia 22 de outubro do ano primeiro deste Século.**

**Era a missa ao Grande Morto: Eduardo Ribeiro! A cidade muito o amava, muito o povo o admirava; e esse amor tinha raízes naquela espécie de comunicação secreta que se difundia no seio das massas como fluidos da uma natural compreensão entre o homem e o povo. A consciência dessa afinidade de pensamento brotara de uma aura de simpatia e solidariedade ao tenente que fora punido com a transferência para a guarnição do Amazonas, por seus arroubos republicanos; e já se manifestara em 1891, quando o povo amazonense, reunido em cívico pronunciamento, na Praça da República, o aclamara «Governador Efetivo do Estado do Amazonas», em altiva represália à sua demissão, «traíçoeiramente conseguida do Governo Geral pelos inimigos da República». O desprezo à vontade popular, de parte das autoridades da Nação, resultara no robustecimento de sua popularidade, consagrada naquele pleito de 1892, que o conduziu à governação do Estado, no**

período de julho desse ano a julho de 1896. Eduardo Ribeiro deixara de ser, aí, o tenente de Floriano. A missão conferida pelo «Marechal de Ferro» no sentido de restaurar a ordem no Estado, as relações estabelecidas com as necessidades públicas, e aquele insistente clamor de súplica, derredor ao seu nome, que ele bem compreendia ser mais o apelo a um porvir melhor, tudo isso contribuíra para amadurecer no idealista republicano a consciência da democracia. Ele era, agora, o eleito de um povo que se agigantara na hora amarga da reação, para entregar-lhe o comando de seu próprio destino. Cumpria-lhe, pois, tudo fazer pela felicidade dessa grei.

O «Pensador» - assim a gente do povo se referia, muito afetivamente, ao antigo diretor do jornal maranhense "O Pensador" executara um governo justo e de afirmativas realizadas. A grandeza de sua obra ficara perpetuada na suntuosidade do Teatro Amazonas, na imponência do Palácio da Justiça, nas fidalgas linhas estruturais da ponte de ferro da Cachoeirinha. A cidade de Manaus teve a sua expansão urbana com a abertura e construção de novas ruas e nivelamento e calçamento das já existentes. Praças nuas e desertas receberam o adorno de jardins, fontes e monumentos. Construiu-se reservatório de imponência arquitetônica para a água do abastecimento geral, e novos bairros fizeram a cidade para as florestas que a circundavam.

Eduardo Ribeiro fez mais: reorganizou e levantou o nível da instrução pública; incrementou a navegação para o interior e para a Europa; deu impulso às indústrias incipientes; e, ele

mesmo, toda a legislação estadual nas bases do novo regime. Uma idade de ouro foi inaugurada para os amazonenses, naquele quadriênio

fecundo, em cujo decurso as rendas se elevaram de cinco para dez mil contos de réis ("Não exagero em dizer-vos que as fontes de receita deste Estado são inesgotáveis"). Encerrado período de sua gestão, sentira-se à vontade para exclamar com ufania: «Encontrei uma grande aldeia e fiz dela uma cidade moderna!» E era esta cidade moderna que agora lhe chorava a morte (« em circunstâncias um tanto misteriosas»...), através dos sinos plangentes da Catedral, convocando-a para a missa ao Grande Morto, naquela manhã de 22 de outubro de 1900. Havia oito dias que, aquela mesma hora, a notícia brutal entorpecera a cidade, deflagrando de porta em porta, em todos os lares, no centro, nos subúrbios, no litoral: «O Pensador morreu !» Lá, à margem da Estrada de Flores, em meio à desolação, ficara a aprazível chácara que abrigara o corpo fatigado do grande lidador. O renque de árvores frondosas, desde o portão até o edifício no alto da pequena colina, deixara passar, em procissão, a multidão pesarosa. Pelos jardins bem cuidados floriam as roseiras que ele plantara. Ao lado, o igarapé murmurava queixas brandas em sua corredeira interminável. Lá ficara o chalé com as bombas para a elevação da água e, mais adiante, o pequeno depósito do gazômetro. Ao fundo, as baías com o alazão predileto, o galinheiro e, sob arvoredos sombrios, aquele barracão de madeira, coberto de lona, tendo ao centro uma grande mesa em forma de U, para os repastos domingueiros, com os amigos. Lá ficara, em prantos, d. Isabel Maria de Sousa Leal, a fiel governanta de muitos anos; lá ficaram, consternados e chorosos, pelo muito que o amavam, a

**criada Manuela, o cozinheiro Alanco e os jardineiros Emilio e Joaquim.**

**Oito dias iam decorridos e a mágoa era intensa. Por isso, os sinos plangiam, ao amanhecer daquela segunda-feira, anunciando a missa ao Grande Morto.**

**A Catedral apresentava pomposa decoração interior, toda forrada de veludo negro, o chão totalmente atapetado, pendendo dos púlpitos cortinas pretas franjadas de prata. Austeros escudos, com o monograma EGR, fixavam-se nas paredes, entrelaçados de palmas, combinando com outro maior no arco principal do templo. Ao centro da nave ostentava-se o catafalco, do qual erguia imponente coluna, envolta em crepe, e, caído, ao lado, o pedaço quebrado. Nos quatro cantos do catafalco, ardiam lâmpadas comburentes, oferecendo o símbolo da purificação; e, derredor, estavam as armas ensarilhadas em funeral, clarins e tambores silenciosos, uma metralhadora, um canhão-revólver, um teodolito envolto de crepe, a mira-falante e outros apetrechos do engenheiro-militar.**

**Pouco antes das oito horas, a igreja não mais comportava a multidão, que se derramava pelas áreas circunvizinhas, enchendo ruas e jardins. O comércio fechara, permanecendo também sem funcionar as fábricas e as repartições. Os sinos não cessavam de emitir gemidos pungentes pelo ar. Ia, agora, começar a missa. Já o prebistério estava lotado de autoridades,**



**cônsules, militares, sacerdotes, representantes de associações de classe, imprensa.**

**A banda de música do Regimento Policial tomara posição à porta de entrada e no coro, já se encontravam a orquestra «Carlos Gomes» e os componentes do Círculo Musical Religioso «Dom Antônio de Macedo Costa», ambos sob a regência do maestro Joaquim Franco. Compunham a orquestra os violinos Marsicano, Alípio, Salvador, Albano, Ildefonso, Turino e Granjeiro; a viola Belfort; o violoncelo Vesce; o contrabaixo Palácio; as flautas Campos e Sobreira; os pistões Rodrigues e Sarmiento; os trombones Tenório e Lisímaco; o tímpano Antunes; o tambor Silva. O coro estava constituído das senhoras Lavor e Matilde Schiavinato e senhores Lavor, F. Fava, A. Soares, N. Tangerini e J. Bernardo.**

**Precisamente às oito horas, o governador Silvério Nery deu entrada no templo. Dez minutos após, monsenhor Benedito da Fonseca Coutinho, acolitado por monsenhor Hipólito e pelo padre Vicente Peres, deu início ao cerimonial. À porta, a banda de música rompeu em comovente marcha fúnebre e no coro, a seguir, a «mezzo-soprano» senhora Schiavinatto entoou a «Ária de Igreja» de Stradella, com acompanhamento de órgão e violoncelo. Prosseguiram os rituais da encomendação, e, em momento exato, a orquestra «Carlos Gomes» executou a «Marcha Fúnebre», de Petrella. Mais logo, foi o coro do Círculo Musical que ergueu o "Libera-me" de Cagliero, acompanhado pela orquestra, que finalizou a cerimônia com outra comovente marcha fúnebre.**

Silenciosa e recolhida, a multidão deixou o templo. Havia uma espécie de atonia, de apatia moral, de desalento e indiferença nas atitudes de resignação daquela gente. O povo tinha a consciência exata da perda que sofrera com o desaparecimento de Eduardo Ribeiro; sabia que estava extinta a chama poderosa do grande visionário que lhe conduziu os destinos pelos caminhos da prosperidade. Aquele cérebro insatisfeito, que tantos pensamentos alimentara, que abrigara opulentos sonhos de grandeza para o Amazonas, que antevira o fastígio de uma civilização através das artes, das letras, do comércio, da navegação, servida por leis justas e magnânimas, liderada por homens de espírito sadio e intenções puras, - aquele cérebro estava agora dentro da terra, inerte, inútil, paralizado, extinto, morto! Mas, o nome de Eduardo Ribeiro, nunca ninguém o poderia arrancar, por todos os tempos, por todas as gerações, daquele monumento que para sempre ficara plantado no coração dos amazonenses: a Gratidão!